

PRONTOS PARA O ABATE

Seja nas águas ou na seca, o semiconfinamento é uma estratégia para terminar bovinos de corte para o abate com qualidade, eficiência e bom custo-benefício

Um dos momentos mais importantes no ciclo de engorda é a terminação. O período antecedente o abate, no qual o animal atinge o seu peso final e deposita gordura para se tornar adequado ao mercado. Para animais em pastejo, a seca pode dificultar esse período, mas a fase de terminação pode usar suplementação em pastagem com elevadas quantidades de concentrado. A técnica é chamada de semiconfinamento, embora a denominação não seja exatamente apropriada, uma vez que não se confina o animal.

“Considerado um meio termo entre o confinamento e a suplementação estratégica, esta prática tem se tornado cada vez mais comum pela menor necessidade de infraestrutura, quando comparada ao primeiro e por melhores desempenhos zootécnicos, quando comparada ao último. Dá flexibilidade ao produtor na tomada de decisão em realizá-lo ou não, já que a maioria dos custos é relativa à aquisição de concentrados e não demanda ações para a produção de alimento volumoso com exceção do pasto”, explica o doutor em Ciência Animal e pesquisador da Embrapa, Sérgio Raposo.

“Basicamente, o sistema consiste em fornecer o alimento concentrado em cochos posicionados nos piquetes. O alimento volumoso também pode ser ofertado aos animais no cocho, no entanto, o consumo da forragem normalmente é realizada por meio do pastejo. A adoção deste regime de engorda tem aumentado nos últimos anos, pois permite um melhor aproveitamento da forragem, maior taxa de lotação e maior desempenho dos bovinos”, explica José Leonardo Ribeiro, doutor em Agronomia e gerente de produtos para bovinos da Guabi, empresa de nutrição e saúde animal.

O semiconfinamento pode ser realizado em qualquer

época do ano. Na estação chuvosa, que acontece entre os meses de outubro e março, em boa parte do país, os bovinos normalmente têm mais acesso à forragem jovem com mais folhas e maior valor nutricional. As folhas verdes proporcionam mais proteínas, carboidratos e minerais, mas para que o gado aproveite melhor este alimento e tenha um melhor desempenho, é importante que as fazendas incluam uma nutrição suplementar, principalmente, se o objetivo é aumentar o ganho de peso do animal e a produtividade por área.

“Para que o bovino tenha um melhor desempenho, é fundamental a inclusão de aditivos em rações, concentrados, suplementos minerais, núcleos e premixes. O fornecimento de 80 g de suplemento mineral contendo macro (cálcio, fósforo, magnésio, enxofre e sódio) e microminerais (manganês, zinco, cobre, iodo, cobalto, selênio e ferro) resultará em ganho de aproximadamente 500 g de peso vivo (PV)/animal/dia, caso não haja restrição de qualidade e oferta de alimento volumoso”, ressalta o especialista da Guabi.

Onde deu certo

No município de Paragominas, interior do Pará, um pecuarista extensivo conseguiu produzir 17,3 arrobas (@) por hectare (ha) com terminação dos animais em semiconfinamento, gerando um lucro líquido operacional de R\$ 813,8/ha em 73 dias. Ele é Jonacir Dalmaso, proprietário da Fazenda Jaguaré, que conta com assessoria da empresa de nutrição animal Premix para potencializar sua produção.

Entraram para o semiconfinamento 371 machos, de 24 a 30 meses, com peso médio inicial de 15,95 arrobas. Os resultados apontam ganho de peso 3,68 @, ganho médio diário (GMD) de 1,203 kg e ganho de carcaça de 3,68 @. O custo de produção de cada animal, incluindo ração e pasto, ficou em R\$290, totalizando um lucro líquido por animal de R\$ 173,14. Os animais foram pesados no início do tratamento, vermifugados e apascentados em módulos de sistema de pastejo rotacionado, formados com pastagens dos gêneros Brachiaria e Panicum com taxa de lotação média de cinco animais por ha, em lotes de aproximadamente 50 animais machos cruzados e fornecimento de ração duas vezes ao dia.

“Outro dado que merece destaque nos resultados da Fazenda Jaguaré é o custo da arroba produzida, que foi de R\$ 78,95. Segundo dados do Anualpec 2016, o custo da arroba produzida em sistema semi-intensivo na região de Paragominas foi de R\$ 118,30 nesse período. Portanto, temos uma economia de R\$ 39,95 por arroba produzida”, ressalta a consultora técnica da Premix que acompanhou o processo, Nayara Quixabeira.

A Premix ainda assessorou outro semiconfinamento em Marianópolis (TO): a Fazenda São Domingos, propriedade de Álvaro Bastos. Por lá os resultados da técnica também foram satisfatórios. Realizado em pasto pós-soja, o

programa de semiconfinamento registrou um ganho médio diário em peso corporal de 1,41 kg. O rendimento de carcaça ao abate foi de 54,71%, enquanto o ganho em carcaça por animal atingiu média diária de 1,11 kg, totalizando 4,83 @ de carcaça no período. O resultado foi um lucro de R\$ 371,12 por hectare.

Para o consultor técnico da Premix Antônio Júnior, o que mais chama atenção neste trabalho são os indicadores de produtividade. Em uma área relativamente pequena, com 160 hectares, foi possível acomodar 400 animais, alcançando a produtividade de 12,07 @/ha em 65 dias, quando, no panorama nacional da pecuária, a produtividade de sistemas extensivos não tem ultrapassado seis arrobas/ha/ano, segundo dados do anuário Anualpec 2016. “Esse nível de produtividade é reflexo dos benefícios da lavoura para o pasto, aumentando a sua capacidade de suporte, além das práticas de manejo e do suplemento utilizado”, destaca.



O doutor em Ciência Animal Sérgio Raposo explica que a técnica é um meio termo entre o confinamento e a suplementação estratégica

